



“Phatos” - Pinto Marinho da Silva

19 Fevereiro / 2 Abril 2011

Galeria das Salgadeiras

«No Teeteto, Sócrates diz a Teodoro que o filósofo tem um pathos, ou seja, uma paixão ou sensibilidade que lhe é própria: a capacidade de admirar ou de se deixar afectar por coisas ou acontecimentos que se dão à sua volta.»

Imagino que estou na Grécia Antiga a assistir a este diálogo sobre a natureza do saber e do conhecimento. Pergunto-me que Pathos é este que Pinto Marinho da Silva nos propõe nesta exposição. E na procura dessa resposta, deixo-me levar pela experiência de entrar no espaço expositivo. Desde logo há uma reacção epidérmica, absolutamente física e emocional. Vejo. Sinto. Reajo. Enamoro-me pela obra, percorro a tela com o olhar, descubro cada pincelada, cada mistura de cor, cada perspectiva. E contemplando, a emoção emerge. Singular e íntima. Não há discurso ou teorização que consiga explicar a imensa comoção que temos quando um quadro se revela. Vem-me à memória uma (já) frase batida, não da canção de Sérgio Godinho, mas de António Damásio: «Sinto, logo existo». Naquele primeiro instante que de racional, consciente ou mental pouco tem, sou. E a obra de arte fica completa.

Contudo, de razão também somos feitos e, nesse sentido, há como que um impulso em querer saber mais. Volto a uma segunda, terceira, e outras leituras da obra. Intriga-me. Provoca-me. Confronta-me, por vezes. Neste momento, sugere-se a leitura da folha de sala que mais não é que uma possível leitura do seu autor. Não que ela seja, per se, absolutamente necessária para a compreensão do objecto artístico. Nem nós precisamos dela, nem tão pouco a arte. Fica esta pequena provocação. Pode, porém, indiciar outras pistas e direcções para alicerçar a tal “comoção” que precede o sentimento de prazer, alegria, inquietação, regressando novamente a Damásio e ao seu “Encontro com Espinosa”.

Enquadrada no tema da Paisagem que a Galeria das Salgadeiras elegeu para este ano, seleccionou-se um conjunto telas e desenhos a óleo para a montagem desta primeira exposição individual de Pinto Marinho da Silva. Telas a óleo, marcadamente clássicas quanto à sua abordagem construtiva, e que nos apelam à emoção, remetendo, assim, para a acepção literal de Pathos. Paisagens, quem sabe?. Viagens num espaço repleto de cromatismo, com apontamentos de luz branca e pura. Pontos de fuga e elementos difusamente arquitectónicos que, necessariamente, revelam a formação de Pinto Marinho da Silva, a arquitectura. Mas também encontramos sonoridades, numa paleta de tons, meios-tons e quartos-tons numa abordagem “kandinskyana”. Composições melódicas, ritmadas pela cor que libertam o espírito e estimulam a imaginação.

De novo. Olhamos. Sentimos. Reagimos. No fim, fica o silêncio da contemplação. Deixemo-nos ir...

Ana Matos

Lisboa, Fevereiro de 2011

Na crítica artística, a palavra pathos utiliza-se para referir-se à íntima emoção presente a uma obra de arte que acorda outra similar em quem a contempla.